

## EM BUSCA DE INOVAÇÕES LINGÜÍSTICAS

Maria Cecília Mollica

Rodrigo Alípio

UFRJ/CNPq/Faperj

**RESUMO:** *Após uma revisão dos avanços alcançados nas últimas décadas no Brasil nos estudos variacionistas, este artigo apresenta uma pesquisa em desenvolvimento sobre um fato ainda pouco estudado no português brasileiro: a presença (ou ausência) de pronome indefinido diante de sintagmas nominais com o traço não contável, tal como em: “Preciso beber uma água”. São apresentadas as perguntas e as hipóteses levantadas e o quadro atual da pesquisa.*

**ABSTRACT:** *After a revision of the progress made in Brazil in the last decade in variationist studies, this article presents a piece of research under development about a fact still not very much studied in Brazilian Portuguese: the presence (or absence) of an indefinite pronoun before non-countable noun phrases, such as in: “Preciso beber uma água” (I need to drink ‘a’ water). The questions and hypotheses raised and the present state of the research are here presented.*

### 1. Dentro e fora da história

Uma questão instigante para pesquisadores voltados para a análise dos usos lingüísticos reside em descobrir estruturas novas, que se introduzem na língua no momento histórico em que o pesquisador também está vivendo. Estar consciente da heterogeneidade inerente e sistemática dos sistemas e do controle de fatores motivadores não garante ao estudioso desvendar candidatos à mudança lingüística, dado que o pesquisador, também falante, encontra-se imerso na sua história e não possui distanciamento suficiente para adotar perspectiva de fora da história.

Se para o historiador e o cientista político, descrever e interpretar o processo histórico e a conjuntura sócio-econômico-cultural constituem tarefa que oferece muitos obstáculos, também desafiador para o astrônomo é identificar a “lua nova”, o surgimento de um astro no Universo. Do mesmo modo, viver um estado de uma língua e simultaneamente perceber

e analisar cientificamente os movimentos de retração e avanço de suas construções, compreendendo-os contextualizados, afigura-se como um paradoxo, que impõe ao cientista da linguagem posicionar-se estrategicamente fora do seu tempo, com o risco de, ainda assim, não enxergar o dinamismo da língua naquele exato momento.

Em geral, para o leigo e falantes mais atentos ou mais intuitivos, não há dificuldade em notar as gírias das gerações jovens, expressões importadas de outras línguas, em nomes de lojas e em rótulos, marcas de roupa, perfumes, carro, enfim, designações que ingressam na língua, relacionadas, via de regra, a bens materiais e, em alguns casos, a bens culturais. Da mesma forma, no âmbito da ciência e da tecnologia, num mundo globalizado e no espaço da Ciência sem fronteiras, é inevitável a introdução paulatina de vocabulário especializado, incorporado, de quando em vez, no cotidiano dos falantes.

A dificuldade situa-se em verificar a introdução ou perda de estruturas no nível da morfossintaxe, em especial da sintaxe, em que se situa a variação sistêmica e mudança em potencial. Algumas perguntas se colocam então: (1) Quando e como notamos o surgimento de um novo fenômeno variável? (2) Há diferenças entre as pessoas para que (1) ocorra? (3) Há fenômenos mais perceptíveis que outros nesses casos? (4) Há algum marco de tempo de manutenção ou perda da variante na língua a partir do qual conseguimos “ouvir” mecanismos funcionais novos ou em recuo?

O objetivo deste texto é o de refletir sobre algumas das questões lançadas de (1) a (4), com base na discussão voltada para a gênese, a descrição e a interpretação de fenômenos variáveis e de mudança lingüística (cf. Mollica & Roncarati, 1997; Braga & Mollica, 2004). A bagagem de pesquisa na área, desde os idos de 70, nos fornece subsídios para afirmar que são muitas as perspectivas a adotar para abordar a questão relacionada à percepção do pesquisador em relação a inovações e a retrações na língua, tanto afetas ao conhecimento teórico e à observação científica de dados de usos, no sentido estrito, quanto à intuição aparentemente ingênua e despreziosa, assemelhada à do leigo.

## 2. Teoria e intuição

Em princípio, do ponto de vista epistemológico, estudiosos sobre os usos da linguagem lançam mão da Teoria, da observação e da intuição. Nos anos 70, quando nos interessava compreender melhor aspectos dos mecanismos estruturais das cláusulas relativas, o paradigma variacionista acabou nos conduzindo para o olhar atento dos usos alternativos, que, até então, não escutávamos no português do Brasil (cf. Mollica, 1977).

Foi assim que, sob o viés da variação, apostamos no efeito dos traços (+/- humano), (+/- determinado), (+/- coletivo), do SN da cláusula matriz, e (+/- distância) da fronteira entre o SN cabeça na sentença matriz e a relativa, em relação às chances da emergência da cópia (a anáfora pronominal do pronome relativo) na cláusula adjetiva.

Naquele momento, para lançar tais hipóteses como possíveis motivações para a emergência do pronome lembrete, foi necessário contato estreito com os dados, de modo a diagnosticar o encaixamento da variação no sistema do português (cf. Weinreich & Labov & Herzog, 1968) e perseguir princípios universais como “pronomes copiam referentes humanos e animados e não copiam outros pronomes e demais categorias gramaticais”. Foi necessário também lançar mão de princípios psicolingüísticos, relacionados ao processamento, confirmando que elementos distantes e relacionados entre si necessitam de um suporte, de uma espécie de âncora.

Note-se, porém, que poucos lingüistas percebiam, na época, no português brasileiro falado, a cópia como sujeito na relativa, como em ‘é uma garota que *ela* gosta muito de namorar’. Conseguíamos todos identificar, na fala, a existência da anáfora pronominal do relativizador em outras funções, mas, como sujeito, era um fato surpreendente. No futuro, aqueles achados serviram de norte para muitas pesquisas que se sucederam sobre o português, o francês, o inglês e o espanhol acerca do mesmo e de outros fenômenos variáveis em campo. Posteriormente, o estudo de Tarallo (1983) permitiu vislumbrar o tratamento da variação conjugando o gerativismo com o variacionismo, visão que até hoje encontra adeptos ilustres.

O despertar de fatos novos na língua pode advir da observação de construções em outras línguas ou ser transferido por pares. Lembremos um episódio curioso, em 1987, em que a visita de Paola Bentivoglio acabou estimulando-nos a procurar o ‘dequeísmo’ no português do Brasil (cf. Mollica, 1989 e 1995). Naquela época, conseguíamos escutar a inovação de quando em vez na língua falada do português brasileiro contemporâneo, mas o desafio consistia em descobrir as ocorrências e descrever o perfil do falante dequeísta. Se havia no espanhol, por que não haveria de ter no português também?

Nesse caso, para acharmos as estruturas no português, foi necessária uma varredura em inúmeros *corpora* tanto do estágio atual do idioma quanto dos estágios anteriores. Indispensável foi a leitura de toda a bibliografia existente sobre o tema, o contato com os autores que já haviam estudado o queísmo e o dequeísmo no espanhol da América Latina e da Península Ibérica. A hipótese de hipercorreção para explicar o dequeísmo era a mais óbvia, mas fizemos uma “aposta” de que haveria também razões de ordem funcional envolvidas.

De fato, a emergência da estrutura dequeísta atestava-se predominantemente em situações contextuais e estruturais especiais. À medida que a pesquisa avançava, conseguíamos evidenciar mais fortemente o paralelo entre o funcionamento do queísmo e do dequeísmo no português e no espanhol. O estudo acabou apontando o efeito relevante de fatores internos e externos à língua, destacando a questão discursivo-pragmática dos usos das estruturas dequeístas: o dequeísmo ocorre em discursos improvisados de políticos (ou de falantes em situações assemelhadas), em situação de alta tensão do ponto de vista de uso, com função atenuadora. Nesse tipo de contexto, configura-se como estratégia de indiretividade: o nexos prepositivo introduz-se como inovação em fronteiras sintagmáticas, como atenuador do conteúdo proposicional, de modo a comprometer minimamente o falante.

Dando prosseguimento ao estudo sobre o dequeísmo sob o prisma diacrônico, para buscar as origens do fenômeno na língua portuguesa, conseguimos comprovar que as razões que motivaram a inovação dequeísta são semelhantes em toda a história do idioma. Na verdade, a deriva do português prevê a complementação direta, e o dequeísmo pode surgir em diferentes fronteiras sintagmáticas, configurando-se um elemento inovador. Emerge como complementação indireta prevista no sistema flexional do português. Portanto, a inovação consiste na introdução do nexos prepositivo cuja força de cancelamento se faz presente permanentemente, uma vez que o fenômeno do queísmo é o processo natural, demonstrando índice de frequência sempre mais elevado que a do dequeísmo. Nesse ponto, o lema laboviano de que “o presente explica o passado” atestou-se com dados da história do português (cf. Mollica, 1995), confirmando-se por meio de evidências concretas em textos de várias décadas do português desde os seus primórdios.

O exame de processos de mudança em tempo real, aliando-se à perspectiva de ‘tempo aparente’, é extremamente eficaz quando viável, porque oferece maior respaldo nos resultados, tornando os estudos mais amadurecidos. O trabalho sobre o rotacismo /l/ > /r/ e o processo de cancelamento /l/ > 0 em grupos consonantais (cf. Mollica & Paiva, 1991) é um bom exemplo de que as evidências do passado encontrando-as em textos antigos, em referências dos autores clássicos. Igualmente, os estudos sobre os processos de assimilação de /ndo/ > /no/ (cf. Mollica & Gonçalves, 1996) e de /mb/ > /n/ (cf. Mollica, 1994) dão sustentação às hipóteses segundo as quais a variação estável busca alicerces em outros *corpora* e em outras línguas irmãs. Tais recursos podem lançar luzes ao pesquisador de hoje para proceder a novas descobertas, para postular perguntas e formular hipóteses.

Não há segredo para os linguistas de que a variação pode ocorrer sem prejuízo da comunicação, pois o cancelamento (por exemplo) de um determinado elemento, seja ele marca de plural ou de tempo, de modo ou de outra configuração categorial é compensado por estratégia diversa ou motivado simplesmente pelo princípio da lei da economia ou mesmo do menor esforço. Enfim, a não aleatoriedade da variação parece ser explicada por tensões entre fatores internos e fatores extralinguísticos. Os trabalhos sobre a cópia em relativas, já mencionados, revisitado em dados coletados de falantes do final da década de 90 (cf. Mollica, 2003b), demonstra que o usuário lança mão de estratégias linguísticas de esquiva, para não deixar evidente seu desconhecimento quanto à regência prevista pelo cânone gramatical. Esse recurso também é utilizado para a variação das formas do subjuntivo, como ‘poder’/‘puder’, ‘comer’/ ‘cumer’, processo de regularização paradigmática já estudado no Brasil. As cortadoras avançam na língua falada e as copiadoras são evitadas, porque são marcadas, “comprometendo” em menor grau a face do falante. Sob o mesmo olhar, muitos processos hoje no português brasileiro estão operando e é importante considerar tais aspectos com vistas à identificação de novas descobertas linguísticas.

A relação entre variação e aquisição é também outro filão fértil que pode permitir o entendimento acerca da gênese da variação e da mudança. Saliente-se o fato de que a tendência aos padrões mais simples do tipo V e CV manifesta-se individualmente nos indivíduos e é extremamente relevante quando se estabelece o paralelo entre processos de pidginização e creolização, entre processos aquisitivos de L1 e L2 e entre processos de variação e mudança. Esse tema é bastante profícuo para os linguistas, dando margem a novas descobertas. Se o componente inato capacita os indivíduos a adquirir espontaneamente a linguagem, na sua modalidade vernacular via de regra, como se processa a aquisição da contraparte heterogênea do sistema? É importante olhar tais questões também no processo aquisitivo do português como LE (língua estrangeira), por parte de falantes não nativos do português, que confirmam a relevância de fatores similares ao dinamismo da fala de indivíduos nativos de português como L1.

Em trabalho sobre aférese e apócope, por exemplo, Mollica (1998) constatou que a variação fonológica em tenra idade instala-se em vocabulário próprio ao universo lexical infantil, da mesma maneira que as alternâncias de ordem morfossintáticas se iniciam à medida que as estruturas vão sendo adquiridas gradativamente. Assim, o rotacismo /l/>/r/ só se manifesta quando a criança adquire padrões silábicos mais complexos e em itens de seu universo lexical. Não seria razoável esperar o processo /l/>0 antes que a criança tenha assimilado o padrão silábico consoante+/r/+vogal e tenha incorporado o uso de itens como ‘próprio’, ‘impróprio’.

Estudos nessa linha buscam atestar o princípio da aquisição paulatina e estruturada da variação (cf. Gomes, 2001). Algumas alternâncias, caracterizadas como hipercorreção, dificilmente permanecem como fenômenos variáveis. No caso dos tempos verbais, a questão do subjuntivo e das formas do futuro podem configurar-se no falante maduro como processo de variação com potencialidade de sofrer mudança. O pesquisador atento não deve desprezar essa linha de investigação na busca de novos temas.

Análises dos dados de falantes com pouca idade, aliando-se a interesses quanto à produção textual de aprendizes de escrita, incitam à curiosidade de examinar a variação também no processo de apropriação de escrita. Cremos ser também esta uma questão em relação à qual estudos teórico-descritivos desenvolvidos na área da sociolingüística evidenciam desdobramentos pedagógicos. As evidências da forte influência da fala na escrita, da pressão do dinamismo da língua falada em alterar a característica normativizadora, forte traço definidor da modalidade escrita, ou de simples movimentos migratórios de uma modalidade para a outra impulsionam muitas investigações no âmbito da sociolingüística aplicada. Assim, tornou-se inevitável o diálogo com a psicolingüística e a teoria do Texto, na medida em que se faz necessário o aporte de conceitos básicos das respectivas subáreas e das reconceptualizações sobre fala e escrita, sobre processos e etapas da aquisição da linguagem e sobre estratégias de aprendizagem da leitura e da escrita. Esses estudos promovem a difusão da macro-área da sociolingüística, com ênfase na questão interacional da linguagem e atestam a interdisciplinaridade entre as correntes da lingüística.

De acordo com Mollica (2000 e 2003a), podemos afirmar que: (1) o aprendiz recupera mais facilmente processos variáveis estáveis, representados graficamente na escrita; (2) há enorme resistência por parte do aprendiz para registrar na escrita marcas de fala, cujo processo variável exhibe cancelamento, inserção ou trocas de segmentos, movimentos entre os sintagmas que se encontram em inequívoco processo de mudança em curso. Tais premissas passaram a alicerçar as hipóteses de investigações voltadas para a interface lingüística/educação, campo com muita potencialidade para a identificação de novos fatos e questões científicas.

### **3. Definindo inovações, procurando dados e contextos de uso: uma pesquisa em andamento**

Com o incessante objetivo de descobrir novos fatos para estudo, cabe relatar sumariamente uma pesquisa em andamento (cf. Alipio, mimeo.). O estudo está voltado para uma inovação, possivelmente recente no por-

tuês brasileiro falado, no que se refere a certos usos de artigos indefinidos e sua relação com o núcleo do Sintagma Nominal (SN) e, tudo leva a crer, com o núcleo do Sintagma Verbal (SV). As frases abaixo exemplificam o problema em que observamos a presença e a não presença do determinante *um* diante dos SNs de traço (- contável).

A motivação desta pesquisa deve-se à percepção intuitiva, por parte do pesquisador, de que o processo inovador opera principalmente em falantes de nível sociocultural mais baixo. Observamos também o fenômeno em cenas de telenovelas, em legendas de produções cinematográficas, em interações do tipo cliente/atendente (salas de espera, atendimento em balcão, salão de beleza e outros contextos).

A investigação sobre o emprego de artigos tanto definidos quanto indefinidos em língua portuguesa tem muito a se desenvolver. No âmbito da sociolinguística variacionista, há registros de trabalhos sobre o artigo definido, sendo os pioneiros os de Silva (1982, 1996), Callou (1992) e Callou & Silva (1997), que tratam da questão da variação do artigo definido diante de possessivos e de patronímicos. Entretanto, não temos notícia da existência de estudos de cunho variacionista sobre usos do artigo indefinido. Dado que na tradição gramatical não se encontram registros sobre o processo e diante do fato de que há empregos no português brasileiro atual com as características mencionadas, a investigação do processo inovador em tela torna-se evidente e instigante.

O projeto vincula-se à linha de pesquisa Língua e Sociedade, cujas principais áreas de interesse são as seguintes: análise de repertórios linguísticos e discursivos de comunidades de fala; diversidade cultural e linguística; variação e mudança; entre outras. Nosso principal objetivo é o de investigar e confirmar se tal fenômeno corresponde a um processo de variação ou mudança linguística. Para tanto, o estudo proposto envolve três questões de natureza teórico-metodológica distintas: (i) variação/mudança linguística; (ii) relação forma/ função; (iii) questões comunicativo-interacionais.

A partir do arcabouço teórico-metodológico da teoria da variação, as perguntas pertinentes são: Que fatores estruturais (intra ou extra linguísticos) favorecem a presença e a não presença do artigo indefinido diante de SN com traço [- contável]? Estamos tratando de um fenômeno de mudança ou de variação estável? Essa mudança/ variação parte de algum grupo social específico? Trata-se de um processo de baixo para cima, justificando a estratégia de hipercorreção, tal como postulado em Labov (1972)?

Grande é a preocupação em relação à questão da coleta de dados e à definição dos contextos de ocorrência. Em uma pesquisa na área de sociolinguística variacionista, deve-se ter em mente duas questões básicas

durante a etapa de definição da amostra: (a) qual é a motivação social do fenômeno; (b) qual o perfil do falante inovador e a situação de uso mais provável do processo? Em (a), depende-se da escolha de faixa-etária, gênero, escolaridade, naturalidade, situação sócio-cultural etc. dos falantes que comporão a amostra; em (b), a natureza da amostra deve ser suficiente para o estudo do fenômeno escolhido para análise. No nosso caso específico, provavelmente, os dados serão coletados em situação de conversação com contexto de oferta de alimentos, bebidas e outras situações interacionais.

Em uma exploração prévia, já foi realizada uma varredura em todos os *corpora* dos projetos PEUL e NURC. Pouquíssimos dados foram encontrados, devido à especificidade do contexto em que fenômeno é produzido. Cabe, nesse caso, uma coleta aleatória dos dados, em conversas informais, em cenas de telenovelas e de produções cinematográficas, como ponto de partida. Esse tipo de recolha de material linguístico por observação já foi usado em outras pesquisas variacionistas, cujos dados consideramos ‘dispersos’ e podem conferir inicialmente à pesquisa um caráter exploratório, útil nos casos em que os contextos não estão bem definidos.

Até o momento, os dados encontrados em relação à pesquisa em andamento foram colhidos aleatoriamente. Exemplos da variação acham-se ilustrados em (1) e (2), sendo **0** a notação estabelecida quando da ausência do determinante, alternando-se com a presença do artigo indefinido:

1. Nossa Senhora, que calor! Preciso beber **uma água**. (dado disperso)
2. “Eu fico em casa, eu tenho que fritar **um ovo**, eu tenho que fazer **um cachorro quente**... se for lingüiça você tem que escaldar a lingüiça, vai tirar **um pouquinho do sal**, faz o tempero, **um molho de tomate**, **0 cebola**, **0 pimentão**, depois corta **um pãozinho** no meio, bota **0 lingüiça**, **um queijinho parmesão** dentro, **uma maionese**, certo?” (Paiva, 1999, p. 32)

Nossa principal tarefa é a de demonstrar a sistematicidade existente do fenômeno, aparentemente utilizado por acaso, de tal modo a determinar seus contextos e motivações de uso, com o fito de descobrir se está havendo estabilidade ou mudança na língua.

Constatamos, porém, que há casos em que não há equivalência semântica completa, quando os falantes se apegam a determinadas estratégias estilístico-situacionais para fazer uso de uma ou de outra forma. Faz-se, então, necessária a análise sob o prisma da teoria funcionalista que privilegia a função comunicativa como papel predominante das línguas. Segundo Dik (1978), o funcionalismo concebe a língua como um instrumento de interação social, usado com o objetivo principal de esta-



belecer relações comunicativas entre os usuários. Sendo assim a intenção do falante e a interpretação do destinatário são importantes ao processo de comunicação/ interação linguística, sendo mediada, mas de forma alguma estabelecida (cf. Moura Neves, 1997). O foco do funcionalismo é o uso da língua dentro de um contexto discursivo. Para uma análise partindo do arcabouço da gramática funcional, toda estrutura gramatical deve ser vista dentro de uma situação comunicativa, uma vez que tal situação explica ou mesmo determina a estrutura gramatical. Cunha et al. (2003, p.29) afirma que “segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa”.

Assim, A partir da função, torna-se possível compreender a linguagem, buscando suas manifestações estruturais e formais. Sob este prisma, a língua é considerada como uma estrutura maleável, adaptativa, e a função como a tarefa que a estrutura e a forma da língua desempenham na comunicação humana. Segundo Bolinger (1977), “a condição de uma língua é preservar uma forma para um significado, e um significado para uma forma”. Embora essa visão seja muito importante para o avanço deste campo da ciência da linguagem, já tem sido refutada há algum tempo, posto que é possível crer que exista uma correlação entre uma forma e várias funções ou entre uma função e várias formas.

O estudo parte também de uma abordagem contemporânea postulada por Schiffrin (1994) e por Neves (1997), estabelecendo-se, portanto, a relação da linguística funcional associada ao tratamento laboviano dos dados. Sendo assim, a escolha entre a presença e a não presença do determinante *um* diante de nomes não contáveis estaria correlacionada a motivações externas ao sistema linguístico e sujeita a pressões de natureza comunicativa em que falante e ouvinte acham-se envolvidos. Nessa medida, não poderíamos deixar de analisar o fenômeno sob o ponto de vista comunicativo-interacional, pautando-nos também na proposta de Bortoni-Ricardo (2004), que concebe três eixos para compreendermos melhor a complexidade das variedades do português brasileiro.

Como trabalho pioneiro, naturalmente, há poucas publicações que abordam o tema de acordo com princípios de outras teorias. Encontramos o estudo sob o prisma teórico da semântica formal (Leite, 2004), além dos já mencionados. Uma situação como essa gera problemas de falta de bibliografia especializada; no entanto, estimula o surgimento de intuições pertinentes e de organização de hipóteses. A dificuldade em coletar material para compor a database que servirá para a análise incita o pesquisador à observação e à percepção da língua.

#### 4. Respondendo a algumas questões

Após breve relato dos modos como se desenvolveram e vêm se desenvolvendo alguns estudos em linguagem, procuramos, neste texto, responder a parte das perguntas lançadas inicialmente. As inovações são notadas, seja através de conceitos e princípios de paradigmas teóricos, seja pelo exame mais atento do processamento da linguagem, seja por meio do encadeamento de perguntas que a Ciência vai histórica e paulatinamente postulando. Em princípio, os dados de língua não “dizem” nada por si. É preciso fazer pergunta aos fatos de língua, a partir da experiência vivida como pesquisador, determinante para a constituição da relevância das hipóteses.

Descobrir fatos novos depende, então, de muitas condições e, antes de tudo, de sensibilidade linguística do pesquisador. Pode-se até admitir que há fenômenos mais notados quando há preconceitos sociais envolvidos, embora as questões afetas aos modelos teóricos e metodológicos, em geral, configuram-se como mais relevantes para definir o recorte do objeto de estudo de uma manifestação nova na língua. No entanto, pelas razões expostas, dificilmente podemos (ou poderemos alguma dia) indicar o marco de tempo a partir do qual os fatos de língua tornam-se interessantes temas aos cientistas da linguagem humana.

#### Referências bibliográficas

- ALÍPIO, Rodrigo. (2005). *Quer uma água: um processo inovador?* Projeto de Mestrado, UFRJ, mimeo.
- BOLINGER, Dwight. (1977). *The form of Language*. Londres: Longman.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (2004). *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. Parábola Editorial.
- CALLOU, Dinah. (1992). “A variação no português do Brasil”. Conferência realizada como prova do Concurso de professor Titular. UFRJ.
- CALLOU, D. & SILVA, G.M. de O. (1997). “O uso do artigo Definido em Contextos Específicos”. In: HORA, Dermeval da. *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia.
- CRYSTAL, David. (1969). *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CUNHA, M.A. F da.; OLIVEIRA, M.R. & MARTELOTTA, M. (orgs.). (2003). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A.
- GOMES, C. A. (2001). “Encaixamento linguístico de processos sintáticos do português brasileiro”. *Lusorama*, Revista de Estudos de Países de Língua Portuguesa, Frankfurt am Main, v. 47-48, n° I, p. 58-73.

- LABOV, William. (1974). “Estágios na aquisição do inglês padrão”. In: FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. (1972). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. (1987). Rio de Janeiro: LTC Editora.
- MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luisa. (2003). *Introdução à sociolinguística variacionista*. São Paulo: Editora Contexto.
- \_\_\_\_\_. & GONCALVES, C. A. (1996). “Variacionismo e Difusionismo: estudo e mudanças linguísticas”. *Atas do I Congresso da Associação Brasileira de Linguística*, p. 152-167.
- \_\_\_\_\_. & PAIVA, M. C. A. (1991). “Restrições estruturais atuando na relação entre [L]-[R] e [R]-0 em grupos consonantais em português”. *Boletim da Abralín*, v. I nº 11, p. 181-189.
- \_\_\_\_\_. (1977). “*Estudo da cópia nas construções relativas em português*”. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: PUC-RJ, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. (1989). Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, mimeo.
- \_\_\_\_\_. “Um caso de resíduo no português atual”. (1994). In: *D.E.L.T.A.*, vol. 10, nº1, 1994, pp.1-6.
- \_\_\_\_\_. “(De) que falamos?”. (1995). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. “Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos”. (1995b). In: HEYE, J. Flores Verbais, pp.121-129.
- \_\_\_\_\_. “Variação e função da aférese”. (1998). *Revista de Estudos da Linguagem*, UFMG, v. 2, p. 71-88.
- \_\_\_\_\_. *Influência da fala na alfabetização*. (2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. (2003a). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- \_\_\_\_\_. “Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo”. (2003b). In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 128-38.
- NARO, Anthony J. (1992). “Modelos quantitativos e tratamento estatístico”. In: MOLLICA, M.C. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos, Rio de Janeiro: UFRJ.
- NARO, Anthony J. “Idade”. In: MOLLICA, M.C. (org.). (1992). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (1997). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.

- \_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. (2000). São Paulo: Unesp,
- PAIVA, M. C. (org.). (1999). *Amstras do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- RONCARATI, Claudia & MOLLICA, Maria Cecília. (1997). “Variação e aquisição”. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SCHIFFRIN, Deborah. (1994). *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell.
- SILVA, G. M. de O. *Estudo da Regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. (1982). Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_. “Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímicos”. In: SILVA, G.M. & SCHERRE, M.M.P. (org.). (1996). *Padrões Sociolingüísticos do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- TARALLO, Fernando. (1983). *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Pensilvânia: Universidade da Pensilvânia.
- TANNEN, Deborah. (1982). “Spoken and Written language: Exploring Orality and Literacy”. Volume IX in the series *Advances in Discourse processes*. New Jersey: ALEX Publishing Corporation.
- VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. (1998). São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. (1968). “Empirical Foundations of a Theory of language Change”. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. *Directions for Historical Linguistics*, Austin, University of Texas Press.